



A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO INDIVÍDUO E MEIO

Juliana Bertolino Verri¹

RESUMO: Calçados na perspectiva teórica de Filho (1999), Ferrara (1999), Lima (1999) e Mansano (2006), este trabalho tem por objetivo descrever e interpretar a percepção de trinta (30) alunos de 6º ano, de uma instituição da rede particular de ensino de Maringá-Paraná (com idade entre 10 e 12 anos), quanto aos problemas ambientais que ocorrem em seu entorno escolar e, desse modo, contribuir para o estreitamento entre saberes geográficos e pedagógicos. Evidenciamos, assim, os processos que envolvem o conceito “Percepção Ambiental”, fenômeno que envolve o psicológico, as crenças, os desejos e a história que cada indivíduo constrói em determinado local. Nessa direção, o indivíduo pode valorizar o local e criar laços afetivos, essa ação favorável é denominada “Topofilia”. A partir disso, os métodos empregados para geração de dados correspondem à elaboração e aplicação de questionários e a atividades com desenhos. Os resultados obtidos apontam para o interesse dos alunos participantes desta pesquisa com relação à temática abordada, bem como o olhar atento para a relação entre indivíduo e meio, no sentido de compreenderem que a escola e o bairro que a circunda correspondem ao *lugar* desses alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia; Percepção Ambiental; Topofilia.

1 INTRODUÇÃO

No ambiente urbano, há aspectos que atingem direta ou indiretamente os indivíduos, a saber: poluição sonora, poluição visual, desmatamento, contaminação do solo, contaminação da água, do ar, pobreza, criminalidade. Recentemente, temos observado uma crescente preocupação com questões dessa ordem, principalmente no que diz respeito à degradação ambiental, por exemplo, a ocorrência de eventos organizados pelo governo que abordem essa temática, mobilizações nacionais e internacionais, fóruns, reuniões, participação de ONGs, estudos, palestras, filmes etc. Aos poucos, vem-se criando uma espécie de conscientização para que os indivíduos mudem seus hábitos, conforme assegura Filho (1999, p.141):

Os intelectuais interessados nos lugares e nas paisagens valorizados não pretendem produzir apenas uma simples divagação poética sobre eles. O que está em questão são os sentimentos de indiferença, de afeição ou de aversão do homem pelos lugares com os quais tem alguma forma de contato. Sentimentos e valores que, seguramente, têm papel importante (em muitos casos, decisivo) na formação de juízos de valor, de atitudes e, em última análise, de ações sobre esses lugares e paisagens.

Sob a perspectiva da educação, a disciplina Geografia parece ser o caminho mais ajustado para a mediação desses saberes e para a percepção de atitudes cotidianas que possam provocar impactos na sociedade. Nesse sentido, a discussão em torno da percepção ambiental faz-se significativa para sociedade, tendo em vista à relação do ser humano com o ambiente em que vive. Nossa experiência em contextos de ensino e aprendizagem permite-nos afirmar que as crianças são curiosas, observadoras e que, em geral, apresentam percepções diferenciadas a esse respeito.

Por essa razão, este trabalho busca descrever e interpretar a percepção de trinta (30) alunos de 6º ano, de uma instituição da rede particular de ensino de Maringá-PR (com idade entre 10 e 12 anos), quanto aos problemas ambientais que ocorrem em seu entorno escolar e, desse modo, contribuir para o estreitamento entre saberes geográficos e pedagógicos, evidenciando, assim, os processos que envolvem o conceito “Percepção Ambiental”.

Os métodos empregados para geração de dados corresponderam à elaboração e aplicação de questionários e a atividades com desenhos. Seguimos, nesse sentido, o posicionamento de Rio e Oliveira (1999), para quem o estudo dos processos mentais relativos à percepção ambiental é fundamental para a compreensão das inter-relações entre homem e meio ambiente, suas expectativas, julgamentos e condutas. Os autores asseveram, ainda, que:

¹ Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista CAPES. julianabverri@hotmail.com.



Nas escolas desde cedo as crianças apreendem o significado de atributos e de qualidades ambientais [...]. Evidentemente, neste sentido destacam-se as diversas metodologias e instrumentos de interpretação e representação da realidade, como os mapas, os desenhos e a fotografia (RIO; OLIVEIRA, 1999, p.15).

O percurso que assumimos neste estudo pode apontar para o posicionamento dos alunos participantes do ponto de vista de seu cotidiano – para nós entendido como “micro” –, e do ponto de vista das grandes questões ambientais – para nós denominado “macro”. O tratamento didático envolve, assim, a retomada das experiências e das vivências dos alunos e o exercício reflexivo em torno da percepção da qualidade do meio em que vivem, bem como da compreensão e construção de ações que melhorem seus cotidianos.

Conduzimos, assim, uma breve explanação teórica a respeito da percepção ambiental, sob a perspectiva de Filho (1999), Ferrara (1999), Lima (1999) e Mansano (2006).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A percepção ambiental é um fenômeno complexo que envolve o psicológico, as crenças, os desejos e a história que cada indivíduo constrói em determinado local. É a partir da memória de construção interativa do ser humano com o ambiente que se estabelece o modo de vida e o comportamento do indivíduo com o meio em que vive. Desse modo, conforme salienta Filho (1999, p.139), “o período da história humana testemunha vários fenômenos e processos relevantes para a humanidade. Entre eles, um dos mais significativos tem sido a difusão de uma nova maneira de encarar e de valorizar o ambiente no qual vivemos”. A esse respeito Ferrara (1999, p.153) afirma que:

Usos e hábitos constituem a manifestação concreta do lugar urbano, na mesma medida em que o lugar é manifestação concreta do espaço. Usos e hábitos, reunidos, constroem a imagem do lugar, mas sua característica de rotina cotidiana projeta, sobre ela, uma membrana de opacidade que impede sua percepção, tornando o lugar, tal como o espaço, homogêneo e ilegível, sem decodificação. Superar essa opacidade é condição de percepção ambiental, ou seja, de gerar conhecimento a partir da informação retida, codificada naqueles usos e hábitos. Percepção é informação na mesma medida em que informação gera informação: usos e hábitos são signos de lugar informado que só se revela na medida em que é submetido a uma operação que expõe a lógica da sua linguagem. A essa operação dá-se o nome de percepção ambiental.

Quando observamos a maneira pela qual cada ser humano se relaciona com determinado ambiente, onde ele já tenha uma ligação, vários fatores, influenciam no modo de olhar, segundo Lima (1999, p.170):

À visão e à vivência de uma paisagem se somam o lirismo, os modelos culturais, estereotipados ou não, as emoções que influenciam a percepção, permitindo que os indivíduos associem símbolos ao espaço. Estes símbolos podem ter mais de um significado psicológico, além de significados sociais, místico-religiosos, culturais. Entretanto, é a pessoa ou o grupo que decide sobre o significado predominante, com fundamentação em suas próprias experiências, atitudes, sentimentos e emoções ou sensações anteriores, tornando o símbolo uma comunicação, uma linguagem silenciosa de eventos na paisagem vivida.

Essa relação criada pelo homem e o meio em que ele vive é construída a partir da história de vida do indivíduo e a interação com o local. O indivíduo pode valorizar o local e criar laços afetivos, essa ação favorável é denominada “Topofilia”; em contrapartida, há aqueles indivíduos que desencadeiam os sentimentos de repulsão, trata-se da “Topofobia” (FILHO, 1999, p.141 *apud* TUAN, 1979). Segundo o autor:

O conceito de topofilia pressupõe a importância capital da noção de lugar, em comparação com a de espaço, para a afetividade humana. Admite-se que o reino por excelência do exercício do sentimento topofílico são os lugares valorizados. É claro que o mesmo é válido para o sentimento contrário à topofilia, ou seja, o que pode ser definido como topofobia e que conduz à noção de “paisagem do medo”

Nos casos em que ocorre alteração da paisagem local, acaba-se perdendo referenciais de longa data, isso pode desencadear diferentes sentimentos, pois reconstruir a história de um local é mais que uma reorganização e readaptação do meio habitado. De acordo com Lima (1999, p.170), “podemos dizer que a percepção de uma paisagem é uma questão de olhos e coração, isto é, campo de visão e campo de afeição, de olhar o espaço e sentir [...]”. Na mesma direção, Mansano (2006, p.32) afirma que “é óbvio que as diferentes interpretações de



percepções estão relacionadas com a forma como cada indivíduo percebe o mundo. Nessa perspectiva, a análise da percepção ambiental pode contribuir para a compreensão de que as paisagens são carregadas de significados e interesse”.

Parece-nos fundamental tratar a percepção ambiental do homem com seu meio como uma conexão contínua com seu passado, presente e futuro. Tal diálogo pode ser desencadeado por sua memória e também por meio dos cinco sentidos humanos, quais sejam: visão, audição, olfato, paladar e tato. A memória interage com as relações presentes do ser humano com o ambiente, na medida em que o ser humano é capaz de sentir o ambiente e os objetos contidos nele, ela induz a relações nostálgicas despertando valores afetivos. Segundo Mansano (2006, p.36), “a paisagem cotidiana do ser humano no mundo contemporâneo, predominantemente urbano, está envolta por sons, formas, movimentos, cheiros, gostos e sensações tácteis e afetivas que possibilitam o diálogo humano com o mundo”. A autora assevera, ainda que:

Por meio dos estímulos sensoriais que experimenta durante sua vida, o homem interpreta e apreende o seu meio físico e social. A percepção ambiental do ser humano se dá por meio dos estímulos polissensoriais: mesmo de modo inconsciente, o homem percebe e interpreta os estímulos do ambiente (MANSANO, 2006, p.32).

Nas linhas que seguem, apresentamos os materiais e métodos empregados nesta pesquisa.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Utilizamos como instrumento de coleta de dados dois questionários, contendo perguntas abertas e fechadas, e elaboração de desenhos. Os questionários foram desenvolvidos com perguntas voltadas para a identificação das representações que os alunos tinham a respeito de sua percepção ambiental. A aplicação ocorreu em 2009, diante da supervisão da pesquisadora, que também é professora de Geografia da turma em questão.

O primeiro questionário continha nove (09) questões e possibilitou quantificar as seguintes informações: interesse do aluno por questões relacionadas ao meio ambiente, sentimento de incômodo quanto a aspectos relacionados ao meio ambiente, principais responsáveis por ocasionar os problemas ambientais no bairro da escola. Já o segundo questionário apresentava três (03) questões e possibilitou a livre expressão dos alunos, a respeito dos seguintes assuntos: entendimento sobre o tema “paisagem” e o que ainda restam de elementos naturais no bairro da escola.

Solicitamos aos alunos que fizessem um primeiro desenho de localização da escola. O segundo desenho elaborado propunha que os alunos representassem uma paisagem que valorizasse o entorno da escola e outra que desvalorizasse.

Tendo em vista os procedimentos explicitados, apresentamos, a seguir, os resultados das atividades propostas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a discussão dos dados apreendidos a partir das respostas dos alunos ao primeiro questionário, agrupamos as informações de acordo com a temática que as envolvia. Ressaltamos que as perguntas relativas a esse questionário foram elaboradas de modo que os alunos pudessem assinalar apenas uma opção das alternativas dadas.

Nesse sentido, os resultados apontaram para: 65% dos alunos têm interesse por **assuntos relacionados ao meio ambiente** (questão 1); 97% acreditam que, em seu dia a dia, causam algum **dano ao meio ambiente** (questão 2); 91% sentem-se incomodados com algum **aspecto de agressão ao meio ambiente** (questão 3). A esse respeito, indicamos a resposta de dois alunos que nos parece confirmar essa ideia: “[me incomodo] com a poluição que entra no meu apartamento” (Maria²), “[me incomodo] com a poluição, com as geleiras, as queimadas, a destruição da camada de ozônio” (Ana).

Ainda que um número expressivo de alunos (91%) sente-se incomodado com algum aspecto de agressão ao meio ambiente, apenas 37% tenta fazer algo para **mudar essa situação** (questão 4). Dentre as respostas, destacamos: “não uso desodorantes aerossóis e conscientizo as pessoas a não usar” (Júlio), “eu fiz um jardim com um monte de plantas” (Rodrigo), “liguei para a polícia por que tinha poluição sonora” (Gabriela), “liguei para o bombeiro para apagar o fogo da data abandonada em frente da minha casa” (Bruna).

Ao questionarmos sobre a **qualidade de vida no bairro da escola** (questão 5), 50% dos alunos classificam como regular, pois, segundo eles: “é muito movimento” (Rodrigo), “a noite é muito perigoso (tem ladrões)” (Isabela), “tem muitos carros e poucas plantas” (Ana), “tem muito lixo e poluição sonora” (Fábio).

² Para resguardar a identidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, informamos que os nomes apresentados são fictícios.



Quanto à questão que abordava os **elementos que compõe o meio ambiente** (questão 6), obtivemos como respostas: “as árvores, água, os bichos” (Fábio), “florestas, matas” (Maria), “lixo, carros, fábricas” (Fernanda), “animais, meio rural, fazendas, casas” (Júlio), “são os seres vivos e não vivos, a fauna e a flora e qualquer ambiente” (Eduarda).

Todos os alunos afirmaram que a **poluição afeta a saúde da população** (questão 7) e alguns alunos complementaram dizendo que: “causa problemas pulmonares, afeta nossa visão, polui a água que tomamos” (Júlio), “[afeta o] ar que respiramos” (Ana), “[afeta através da] poluição da água, chuva ácida, poluição do ar” (Rogério).

No tocante à questão dos **principais responsáveis por ocasionar problemas ambientais no bairro da escola** (questão 8), 47,5% disseram que a fumaça das chaminés de indústrias, de cigarros, dos carros, dos ônibus e dos caminhões é a principal causa. Na sequência, 17% apontaram “corte de árvores e queimadas”, 10,5% indicaram “lixo hospitalar”, 8% “poluição das águas”, 6,5% “falta de áreas verdes como parques e praças”, 6,5% “lixo a céu aberto” e 4% “esgoto a céu aberto”.

A respeito da questão que buscava conhecer **o responsável por resolver os problemas ambientais** (questão 9) apontados anteriormente, verificamos que a maioria dos alunos (39%) acredita que a “comunidade” deveria ajudar a resolver os problemas relacionados ao meio ambiente, seguido dos “políticos” (30%), do “próprio indivíduo” (5%), “associação de bairros” (5%), “ONGs” (5%), “empresários” (4%).

Passemos a observar as respostas apreendidas do segundo questionário aplicado, que continha, reiteramos, três (03) questões abertas. Ao perguntarmos **o que o aluno entende por paisagem** (questão 1), tivemos como respostas: “paisagem é um espaço geográfico que é composto por elementos naturais e humanizados” (Pedro), “paisagem é lugar, ex.: ruas, praças, árvores, etc., paisagens naturais são da natureza e humanizado o homem modificou” (Gabriela), “é um lugar onde vivemos, como: escola, igrejas, casas, prédios, hospitais, etc.” (Gustavo), “paisagem é tudo ao seu redor, bonito ou não é uma paisagem” (Adriana).

Na questão, **como os seres humanos alteram a paisagem em volta da escola?** (questão 2), obtivemos as seguintes respostas: “construindo prédios, escolas, casas, condomínios fechados” (Maria), “quando destrói coisas e constrói outras” (Antônio), “reformando, cortando árvores, asfaltando, etc.” (Adriana).

A terceira questão buscava captar o que os alunos entendem por elementos naturais e para isso perguntamos **o que ainda resta de elementos naturais no bairro da escola?** (questão 3), de acordo com a opinião dos alunos: “árvores, as gramas, e as outras plantas que existem neste bairro” (Júlio), “muitas árvores velhas, flores” (Cássio); “árvores, plantas, flores, ar, água, grama, etc.” (Eduarda).

A atividade desenvolvida por meio de desenhos organizou-se em três etapas, a saber: 1) Desenho da localização da escola, 2) Desenho de uma paisagem valorizada em torno da escola e 3) Desenho de uma paisagem desvalorizada em torno da escola.

Apresentamos, a seguir, os desenhos que ilustram as três etapas, respectivamente (Figuras 1 a 3):



Figura 01. Desenho da localização da escola (Eduarda)



Figura 02. Desenho de uma paisagem valorizada em torno da escola (Roberta)

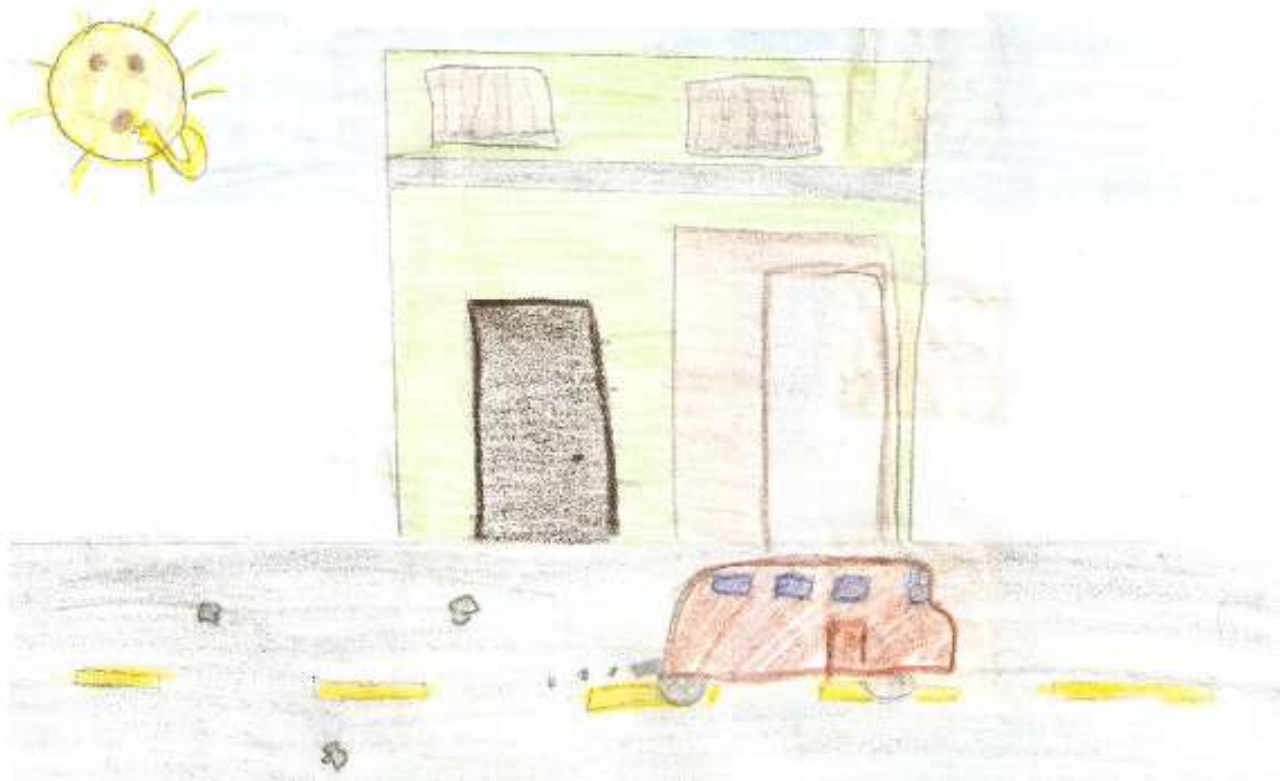


Figura 03. Desenho de uma paisagem desvalorizada em torno da escola (Rodrigo)

Pelo exposto, depreendemos que os alunos verbalizaram as noções que possuem do tema proposto “Percepção Ambiental”. A fim de esclarecer os dados apresentados, discorreremos, a seguir, os aspectos relacionados a esse conteúdo geográfico que evocam das respostas dos alunos.

As questões 1 a 3 do primeiro questionário apontam para o interesse evidente dos alunos em relação aos assuntos que dizem respeito ao meio ambiente, no sentido de que reconhecem os danos causados pelos indivíduos e também se incomodam com as agressões ao meio. A questão 5 indica que os alunos possuem senso crítico quanto à qualidade de vida no bairro. Há, portanto, um envolvimento dos alunos participantes desta pesquisa em torno das questões ambientais e, sobretudo, um olhar atento ao tema. No entanto, a questão 4 revela que, apesar de engajados com a temática, os alunos não apresentam ações concretas para mudar a situação do meio em que vivem.

As questões 6 e 7 asseguram que os alunos obtêm conhecimentos geográficos específicos ao tema “Percepção Ambiental”, assim como ao tema “Poluição”. Esse resultado se evidencia na questão 8, uma vez que é muito expressiva a associação da poluição com o fator “fumaça”. Destacamos, também, o resultado evocado da questão 9, pois que os alunos enfatizam a comunidade como a grande responsável por ocasionar problemas ao meio ambiente. Nesse sentido, entendemos que os alunos compreendem a efetiva relação entre homem e meio.

As três questões do segundo questionário retomam os conteúdos estudados em aulas anteriores à aplicação da atividade, isto é, nas aulas de Geografia ministradas pela pesquisadora. Dessa forma, revelam-nos que os alunos internalizaram os conteúdos: sabem o que é paisagem e o que são elementos naturais e humanizados, e conseguem exemplificar. Também observamos que os alunos identificam como as ações dos indivíduos contribuem para mudanças no meio ambiente.

Quanto ao primeiro desenho, constatamos que a maioria dos alunos fez o desenho da escola, bem como o maior ponto de referência do bairro: o hospital. Salientamos que o hospital fica há uma quadra da escola, porém, em muitos desenhos, o hospital aparece ao lado da escola. O segundo desenho aponta-nos, de modo geral, que os alunos representaram árvores, vegetação, nuvens, passarinhos, pessoas sorrindo etc. Isso nos indica que os elementos naturais tomam visibilidade quando se trata de apresentar o conceito de “belo”, “valorizado”. O terceiro desenho enfatiza as paisagens menos valorizadas e os alunos retrataram calçadas com buracos, asfalto com lixo, carros, estacionamento que se localiza da esquina da quadra da escola. Esses dados nos apontam que os alunos reconhecem o fato de que os elementos humanizados alteram o meio ambiente.

5 CONCLUSÃO

Apesar de acreditarmos que expressar a representação e a percepção do meio ambiente não seja uma tarefa fácil, verificamos que com os questionários e com os desenhos, os alunos conseguiram expressar seus



pensamentos, sentimentos, interesses e conhecimentos acerca do ambiente em que eles convivem (micro) e que, muitas vezes, ficam esquecidos.

Observamos, de modo geral, que os alunos se importam com a escola e o bairro – essa atitude de envolvimento favorável é denominada Topofilia (não tivemos nenhum caso de Topofobia). Podemos, então, concluir que a preocupação ambiental com o bairro consiste em uma forma de envolvimento emocional que o transforma no *lugar* desses alunos. Retomamos, nesse sentido, as metas básicas da ação ambiental, estipuladas na Carta de Belgrado³, como coloca Barbieri (2004, p.9223-923):

[...] melhorar todas as relações ecológicas, incluindo as do ser humano entre si e com os demais elementos da natureza, bem como desenvolver uma população mundial consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas associados a ele com conhecimento, habilidade, motivação, atitude e compromisso para atuar individual e coletivamente na busca de soluções para os problemas atuais e para a prevenção de novos problemas.

Essa experiência permitiu-nos discutir que há muito interesse por parte dos alunos sobre o tema ambiental. Os alunos reconhecem a importância do meio e como é fundamental o cuidado com ambiente em que vivem. Entendemos, assim, que esta pesquisa contribui para as possíveis metodologias adotadas em sala de aula para o ensino e a aprendizagem de conteúdos geográficos, mais especificamente, a Percepção Ambiental.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, J. C. A Educação Ambiental e a Gestão Ambiental em Cursos de Graduação em Administração. In: Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

FERRARA, L. *Olhar Periférico*. São Paulo: Edusp, 1999.

FILHO, O. B. A. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: *Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira*. São Carlos: EDUFSCar, 1999.

LIMA, S. T. Percepção Ambiental e Literatura: Espaço e Lugar no Grande Sertão: Veredas. In: *Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira*. São Carlos: EDUFSCar, 1999.

MANSANO, C. N. A. *Escola e o Bairro: Percepção Ambiental e a Interação do Espaço de Alunos do Ensino Fundamental*. 2006

RIO, V. D. Cidade da Mente, Cidade Real. Percepção Ambiental e Revitalização na Área Portuária do RJ. In: *Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira*. São Carlos: EDUFSCar, 1999.

RIO, V. D.; OLIVEIRA, L. *Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira*. São Carlos: EDUFSCar, 1999.

³ Em 1972, foi realizada em Estocolmo a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, na ocasião, estabeleceu-se a Resolução 96, com objetivo de preparar o ser humano para viver em harmonia com o meio ambiente. Em 1975, a Unesco e o Pnuma realizaram o Seminário Internacional sobre Educação Ambiental, para implementar essa resolução, foi aprovada a Carta de Belgrado.